

Maria Manuela Tavares Ribeiro

Coordenação



utros Combates
pela História

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensauc@ci.uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.com>

CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

ORGANIZAÇÃO DOS TEXTOS

Isabel Maria Luciano
Marlene Taveira

PRÉ-IMPRESSÃO

António Resende
Imprensa da Universidade de Coimbra

EXECUÇÃO GRÁFICA

SerSilito • Maia

ISBN

978-989-26-0041-3

DEPÓSITO LEGAL

.....

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:

2



CEIS 20
CENTRO DE ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES
DO SÉCULO XXI
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR Portugal

PROGRAMA OPERACIONAL CIÊNCIA, TECNOLOGIA,
INOVAÇÃO DO QUADRO COMUNITÁRIO DE APOIO III



Maria Manuela Tavares Ribeiro
Coordenação



utros Combates
pela História

HISTÓRIA E POLÍTICA

Heloisa Paulo

MITO E HISTÓRIA: AS OPOSIÇÕES
NA HISTORIOGRAFIA PORTUGUESA

1. A historiografia e a história da oposição:
as armadilhas políticas da memória.

«Memoria: no el recuerdo, sino la economía general y la administración del pasado en el presente». (Pierre Nora citado por Lavabre, Marie Claire. «Sociología de la memoria y acontecimientos traumáticos» in : Aróstegui, Julio e Godicheau, François (eds). *Guerra Civil. Mito y memoria*. Madrid, Marcial Pons, 2006, p. 41.

«La memoria individual autobiográfica se alimenta de la memoria histórica de la colectividad. Además de la condición de alimento mútuo existente entre las memorias individual y colectiva, la segunda es capaz de generar procesos de revisión autobiográficas, de modificación del recuerdo de la experiencia vivida.»

Abdón Mateos. «Historia, Memoria, Tiempo Presente», in: *Hispania Nova. Revista de História Contemporanea*. n.º 1. 1998 (edición on-line)

«De tal forma, a História tem andado ao sabor dos que acabamos amnésicos.»
(Mónica, Maria Filomena. «Biografia e Autobiografia», in: Mónica, M. et. al. *Toda a Memória do Mundo*. Lisboa. Esfera do Caos. 2007. p. 25.

Nos últimos anos, o tema da memória tem produzido uma vasta literatura, englobando estudos na área da história, sociologia e medicina. O prolongamento da esperança de vida e o conseqüente aumento de população idosa suscita este novo interesse, que já vinha sendo abordado pelos historiadores desde a década de oitenta com o crescimento da chamada «história oral».

A «memória», à qual a história está formalmente vinculada, é como uma peça de cristal com várias arestas, burilada pelos depoimentos e pela necessidade, pessoal ou colectiva, de reconstrução do passado. Cada uma de suas faces trabalhadas oferece uma visão parcelada, muitas das vezes não vislumbrada quando o olhar é fixado na

sua totalidade. Assim, trabalhar cada um destes «ângulos de visão» é recuperar «memórias» específicas ou individualizadas que, com maior ou menor afinidade, se coordenam para formar uma imagem única, uma «memória» coesa de um grupo ou de uma sociedade, a respeito de um dado momento do seu passado.

Para além disto, como numa montra, em alguns casos, cada grupo específico produz a sua própria «memória cristalizada», apresentando uma visão do passado que pode ser oposta a de outros contemporâneos, dando origem a diversificadas versões de uma mesma «peça», ou ainda, diferentes «peças» construídas com base em visões diferenciadas do mesmo passado comum.

No entanto, se partirmos uma «peça» ou uma «versão oficial ou oficiosa da memória» podemos deparar-nos com fragmentos reveladores de outras «memórias», como se a «perfeição» do produto final fosse destruída e deixasse transparecer outros aspectos até então «ensombrados» pela necessidade da apresentação de um único «relembra». Tais «pedaços» de memória podem levar à descoberta de uma outra versão das mesmas «memórias» ou do porquê da necessidade de apresentá-las numa versão «uniforme», da qual estas variantes contraditórias foram excluídas. Isto aplica-se às memórias institucionalizadas e às memórias «marginais», aquelas que contestam as versões mais cristalizadas do passado.

A historiografia, ao trabalhar com temas de uma história recente, passa pela necessidade de «quebrar memórias», tarefa delicada quando muito dos seus protagonistas estão vivos ou sobrevivem às condições políticas que engendraram muitas das «memórias» que passaram a ser aceites como únicas. Há casos de memórias já «partidas», como é o relato dos exilados republicanos espanhóis acerca da Guerra Civil, pois, ao atribuir ou assumir as razões da derrota, produz-se uma imagem diferenciada da «Espanha unida», presente no apelo republicano durante o conflito. Tal facto não «facilita» a tarefa do historiador, já que põe em causa a memória oficial republicana da agressão franquista, e, por vezes, serve de amparo para a própria justificativa da história oficial do regime acerca da instabilidade da República.

No que respeita à memória da oposição antislazarista há uma série de hiatos importantes em termos do seu conjunto. A predominância de relatos ligados ao Partido Comunista faz com que haja uma «versão» onde o Partido assume a liderança do movimento oposicionista¹. Assim sendo, a sobrevalorização do partido e dos seus membros põe de parte todos os demais segmentos contrários ao regime, qualificando-os, a partir da própria lógica partidária, como «não organizados», não planeados ou como manifestações oriundas de antigos grupos no poder, no caso do *revirinho*. Neste sentido, contribuem as memórias de antigos participantes das primeiras revoltas contra a ditadura militar, os quais, uma vez no Partido, assumem a sua participação como

¹ A memória pessoal é selectiva e passível de reelaboração à medida que novos dados da história colectiva são incorporados como «verdades» oficiais ou oficiosas. Sobre a temática ver, entre outros, Fentress, James e Wickham, Chris. *Memória Social. Novas perspectivas sobre o passado*, Lisboa, Teorema, 1994. Sobre o problema das memórias oposicionistas, ver Ventura, António. *Memórias da Resistência*. Lisboa, Biblioteca Museu da República e da Resistência – Câmara Municipal de Lisboa, 2001.

Sobre o tema ver, entre outros, Farinha, Luis. *O revirinho : revoltas republicanas contra a ditadura e o Estado Novo : 1926-1940*, Lisboa, Estampa, 1998; e Paulo, Heloisa. «Uma memória dos opositores sobre o regime e sobre a Oposição», in: *Estudos do Século XX*, n.º 7, Coimbra, CEIS20, 2008.

fruto de uma «falta de consciencialização política»², oferecendo uma nova versão para a sua própria conduta e adequando o seu discurso biográfico ao discurso consagrado pelo partido.

Estes conjuntos de memórias possuem fins políticos: um deles é a consagração da imagem do Partido Comunista como a única força válida e activa no combate ao salazarismo; o outro, menos conhecido e pouco explorado, oferece uma contrapartida à imagem comunista, apresentando uma outra versão para os movimentos oposicionistas, e, neste caso, procuram justificar as razões do fracasso, ao invés de «sublimar» a luta, estabelecendo de forma indirecta um diálogo com os comunistas. É o caso das memórias e autobiografias de alguns membros do *revivalho*, esquecidas em seus arquivos particulares à espera de um olhar dos historiadores.

A quebra da unicidade destas memórias pode levar a uma releitura do movimento oposicionista, à medida que sejam postos a consulta arquivos particulares dos participantes dos mais diversos sectores da oposição. Em cada um deles, porém, terá o historiador que trabalhar com «armadilhas» da memória, ou seja, considerar que quem escreve não o faz de forma neutra, já que, colocar em papel as suas imagens do passado, significa assumir um compromisso com o presente e o papel que desempenhou na história. Justificativas para o fracasso ou «engrandecimento» dos factos são aspectos constantes de tais narrativas, nas quais se incluem os diários pessoais, marcados sempre pelo comprometimento político do autor.

O grande problema para o historiador é o do comprometimento do discurso historiográfico forjado com base neste tipo de documentação. Há muito que se deixou de lado o debate acerca da «imparcialidade» da escrita da história, ou do papel de «observador» do historiador³, mas há que ter o cuidado em não se confundir o fazer história com o fazer apologia. Neste sentido, por vezes, as fronteiras tornam-se bem ténues e cabe ao historiador, através do cruzamento de dados, impedir que a sua «escrita» acabe por «pisar o risco».

No entanto, existe um problema bem mais complexo quando tratamos de analisar a imagem oficial dos chamados «grandes vultos» da história, ou seja, o papel atribuído a determinados personagens pelas memórias oficiais ou oficiosas e incorporado como o de «heróis»⁴, pela narrativa histórica «consagrada». Figura real ou imaginária, o «herói» reúne as condições exigidas para uma acção eficaz em prol da sociedade, sendo a sua imagem «construída» a partir de valores institucionalizados e de aspectos de conduta que o possam definir como tal. Neste sentido, a sua trajetória «real» e «documental» é recortada, pouco importando as referências que fujam aos parâmetros impostos pela imagem que lhe é imposta. Da mesma forma, como produto de uma memória social cristalizada, o «herói» sofre os reveses da própria história, acompanhando as mudanças sociais, justificando as alterações políticas e ideológicas através dos tempos.

² Jorge, Joaquim Pais. *Com uma alegria imensa. Notas autobiográficas*. Lisboa, Avante, 1984;

³ Sobre o tema ver, entre outros, Shaff, Adams. *História e Verdade.*; Bloch, Marc. *Introdução a História*;

⁴ Sobre o tema ver, entre outros, Agulhon, Maurice. «De Gaulle, Histoire, Symbole, Mythe», in: Rioux, J. P. (org). *De Gaulle. Portraits*. Paris. Omnibus, 2008, p. 937.

Neste sentido, o seu papel é a tradução máxima da armadilha política para a escrita da história, já que atacar ou tentar «desmitificar» a figura de um «herói» pode levar a deduções equivocadas por aqueles que, na actualidade, o defendem como símbolo de um determinado conjunto de valores. O trabalho do historiador, ao lidar com o mito do «herói», em especial, com o dos «heróis» mais contemporâneos e de cunho «político», pode ser equiparado ao de quem «quebra» uma valiosa peça de cristal na tentativa de analisar a sua composição e o porquê da sua forma. Ao desfazer a obra já feita, todo o cuidado é pouco, tanto no sentido de não perder a noção do que ela representa, como o de não a reconstruir de forma inversa, oferecendo argumentos para aqueles que combatem o dito «herói» ou o defendem, neste caso, colocando o próprio historiador na função de propagandista político.

2. A necessidade da figura do «herói»: o problema de uma referência política para a oposição ao salazarismo.

«Le fait que'un personnage historique ait accédé au status de personnage mythique [...] n'interdit pas que l'on s'interroge sur la signification essentielle de son mythe».

«[...] Era bom que se acabasse definitivamente com o mito Delgado»

Carta de Manuel Rodrigues Lapa a Sarmento Pimentel, datada de Belo Horizonte, 26 de Outubro de 1962. Arquivo Sarmento Pimentel.

A propaganda salazarista procurou apresentar a imagem de Salazar como a de um «herói» peculiar, a de um homem simples, mas votado para a missão de ser o «salvador» da Nação. Apresentado como o professor de Coimbra, homem religioso, de origem rural e humilde, a figura do Presidente do Conselho oscila entre o homem sisudo dos anos trinta, preocupado em manter Portugal distante dos «perigos contemporâneos», o comunismo e a Guerra, e o sexagenário mais flexível e simpáticos dos anos cinquenta, mais paternal e menos autoritário, e novamente preocupado e combatente aquando do eclodir da Guerra Colonial.

Para fazer frente a esta imagem, a oposição tentou «recuperar» as figuras de alguns dos políticos republicanos, desgastadas pelo clima de tensões que marca o fim da República. É o caso de Afonso Costa, na década de trinta e, após a sua morte, o de Bernardino Machado bem como o de Norton de Matos, no imediato após guerra; mas, em todos estes casos, os seus passados remetia-os para situações enegrecidas pela propaganda oficial, ou ainda, para a «memória negativa» criada pela própria instabilidade republicana.

O surgimento de Humberto Delgado e a sua postura de desafio ao regime trouxe à oposição a perspectiva de uma nova imagem de herói e a possibilidade de a opor à figura de Salazar. Malgrado a sua própria origem como «homem do regime», o conjunto de atitudes e o desempenho de Delgado na campanha de 1958 contribuíram para forjar a «imagem heróica» que a oposição necessitava. O Pacto de Cacilhas, em Maio de 1958, evidencia tal facto, com o reconhecimento, por parte do PCP, da «utilidade» para a oposição dos feitos de Delgado.

O exílio no Brasil e a derrota nas eleições adequavam-se à assumpção de Delgado como símbolo para os combatentes oposicionistas. A sua morte às mãos de agentes da PIDE reforça ainda mais a mística de «herói», aquele que sacrifica a própria vida por uma causa. É esta a imagem que os oposicionistas passam a evocar, a partir dos finais dos anos sessenta até os dias de hoje. Humberto Delgado torna-se assim um símbolo, a despeito do seu real papel enquanto representante da oposição exilada. Paralelamente, o Partido Comunista articula um discurso em torno dos «seus heróis» anónimos, a partir da publicação dos relatos individuais ou de biografias de combatentes do PCP já falecidos.⁵

Com Delgado, a necessidade de alguém que encarne o papel de «herói» parece ficar resolvido, e ficará por muitos anos apesar de toda a documentação da oposição exilada que aponta em sentido contrário. Em grande parte dela, a ideia do consenso em torno de Delgado não é evidente, deixando transparecer o carácter múltiplo da própria oposição. De facto, o antigo general parecia a alguns não possuir o senso político e democrático que é fundamental para a gestão de divergências entre opo- sitores ao regime; atesta-o um documento do sector republicano da oposição radicada no Brasil:

Ontem, fez muita falta a sua presença com que contávamos, no almoço de despedida ao Rodrigues Lapa. Estiveram presentes, além do homenageado e o Tito de Miranda que ofereceu o almoço, o Jayme de Moraes, o Amorim, Camilo Cortesão, Paulo de Castro e eu. Como pode calcular o assunto principal foi o caso «General». Chegou-se à conclusão que é difícil, senão impossível, um clima de entendimento com este para uma ação comum, não porque haja da parte de qualquer de nós o propósito de o hostilizar, mas porque ele está disso inteiramente convencido devido, em grande parte, a sugestões de pessoas que o cercam. No entanto, surge a esperança que o seu deslocamento para ahi o separe dessas nefastas convivências. Oxalá que não encontre ahi conselheiro que continue a obra desgraçada dos de aqui. Mas se a mudança de ambiente lhe modificar os propósitos não nos negaremos a uma colaboração, desde que, como primeiro ato de sua boa vontade, suspenda imediatamente a publicação do «Portugal Livre», cujo aparecimento tão má impressão causou nos meios brasileiros que sempre nos tem apoiado [...].

O Lapa incumbiu-se de verificar se ainda interessa à nossa causa que continuemos fazendo aqui mais sacrifícios para lhe aguentarmos os humores ditatoriais ou se podemos deixá-lo entregue ao seu destino [...] Contudo, se ele voltar ao bom caminho, nada impedirá a sua colaboração, se a desejar.»⁶

Estes e outros testemunhos contrastam com uma espécie de «mutismo» em relação ao passado deste «novo herói», a quem são atribuídas unicamente as qualidades do «combate pela democracia». Como acontece com alguns personagens da história mais recente, as suas ligações ao fascismo são apagadas no discurso produzido em torno da

⁵ Ver, entre outros, a página na internet <http://estudosobrecomunismo.weblog.com.pt>.

⁶ Carta de Carneiro Franco a Sarmento Pimentel, datada do Rio de Janeiro, 28 de Dezembro de 1959. Arquivo Sarmento Pimentel, Biblioteca Sarmento Pimentel, Mirandela.

sua imagem⁷. De igual forma, toda a dissidência dos oposicionistas em torno da sua figura como «líder» dos antisalazaristas desaparece em favor da imagem de «mártir» da causa. Eleito como «herói exemplar», a sua presença deixa em segundo plano outros combatentes, não importando o quanto estes foram leais as suas convicções políticas durante toda a trajetória de suas vidas.

Para além disso, a sobrevivência da imagem mítica de Delgado deve muito ao empenho de familiares na perseverante divulgação de determinado tipo de documentação «comprobativa» do papel do antigo membro do Estado Novo na sua nova função de oposicionista. O acesso fácil e repetido a essa documentação e o empenho na divulgação apologética do seu nome acabaram por dar continuidade à imagem construída anteriormente, ao contrário de muitos outros oposicionistas exilados, cujos arquivos, em posse de familiares, são «esquecidos» pelos historiadores, contribuindo para a perpetuação de versões institucionalizadas sobre quem deve ser considerado «herói» na trajetória da oposição ao salazarismo.

Paralelamente ao empenho de familiares de Delgado, um *site* dedicado ao General reúne documentos recolhidos em arquivos institucionais, não citando, contudo, o espólio depositado na Biblioteca e Museu da Resistência, nem tampouco outros arquivos particulares, como o de Sarmento Pimentel⁸.

Na verdade, a questão fundamental não é a construção de novos «heróis» ou a reelaboração de mitos na historiografia, mas sim o desmontar dos mitos existentes e a abertura de espaço para novos mas decisivos personagens, esquecidos nos documentos guardados em bibliotecas ou armários de suas antigas casas ou de seus familiares. A tarefa de os trazer à luz assume uma dimensão perigosa mas aliciante para o historiador. O perigo advém do facto de que a releitura dos mitos, como já foi assinalado e em especial neste caso, pode ser encarada como uma tentativa para a sua desacreditação, que desse espaço para uma versão branqueadora do regime fascista e, simultaneamente, denegrisse a oposição⁹. O lado aliciante é que a descoberta de nova documentação permite recuperar personagens e novos dados para a história da oposição, abrindo um novo leque de possíveis análises para a historiografia.

É o caso do Arquivo de Jaime de Morais, agora em posse da Fundação Mário Soares, e do Arquivo Moura Pinto, em posse da neta, Joana Rabinovitch. Para além destes, existe a possibilidade de localização de outros fundos e espólios documentais, seja de personagens «de ponta» do movimento oposicionista, seja de participantes «secundários», mas igualmente importantes. Neste último caso, cumpre destacar a colecção fotográfica do tenente Júlio Rodrigues Andrade que participou activamente do movimento de 3 de Fevereiro de 1927. Neste pequeno espólio, estão cerca de 100 fotografias que registam o exílio dos participantes deste movimento em Angola e na Madeira, sendo a grande maioria identificada pelo autor. Assim sendo, dado o

⁷ É o caso de Getúlio Vargas no Brasil, ditador a frente do Estado Novo, entre 1937 e 1945, a imagem com a qual é lembrado oficialmente é a do Presidente dos anos 50, capaz de dar cobro a vida em prol da manutenção dos seus ideais políticos e da democracia.

⁸ Ver: www.humbertodelgado.pt.

⁹ Uma versão «salazarista» do papel de Delgado na oposição é apresentada por Gomes, João. *O exitus de Humberto Delgado e as eleições de 1958*. Lisboa, Edição de Salazar, o obreiro da Pátria, 2008.

nome ao rosto, é possível uma identificação positiva destes personagens na sua trajetória de exilados, seja em Espanha, França ou Brasil.

Os arquivos particulares na posse das famílias precisam de ser rastreados e enumerados e, sempre que possível, encaminhados para instituições que realmente estejam interessadas na sua conservação e na sua disponibilização para os historiadores. E, depois, é preciso que os arquivos não sejam usados para fins «políticos», para a perpetuação do discurso já existente acerca da unidade da oposição e da supremacia de determinados sectores sobre os demais.

3. A necessidade de uma revisão: o repensar dos mitos.

«No se pueden equiparar las victimas de uno y outro bando, puesto que las de un bando solo se produjeron durante la guerra que fue un golpe de Estado contra un Gobierno legalmente constituído y ademas las victimas del bando vencedor han recibido durante muchos anos, reconocimiento, honores, lápidas conmemorativas, compensaciones económicas a las familias y hasta consideracion de mártires por Dios y por la Patria. Canonizaciones en masa por parte de la Iglesia. Para los otros, condenas falsas, largas y en pesimas condiciones, consejos de guerra, sin defensa, fusilamientos sin juicio y abandono en cunetas o en sitios desconocidos, confiscaciones de bienes, depuraciones, como las de 197 maestros en la província de Salamanca, exílios y deportaciones a campos de exterminio, muchas sin retorno, una represion inacabable de la familias durante cuarenta anos de la dictadura? Hay algun punto de comparacion? El hecho de equipararlos causa indignacion»¹⁰.

«Vim encontrar a tua carta, datada de 23 pp, que me entristeceu por todos os problemas familiares que te aconteceram, mas espero que reajas e que não demores a responder ao Coronel Varela Gomes. Só que eu gostaria que a tua resposta não constasse apenas de uma simples carta, mas sim de uma completa «biografia» tua, e com a maior soma de detalhes possível sobre o teu pai, como ideólogo e organizador do «Plano L», e logicamente dos seus colaboradores: a começar pelo Jaime Cortesão, Moura Pinto, César de Almeida – o operacional do Plano, Alexandrino dos Santos, etc. Eu creio que o Oliveira Pio, se não falha a memória, também esteve incluído no Plano. O que é necessário, para já e para a história, é dar coesão e força ao plano, e esquecer algumas desinteligências (especialmente acerca do Alexandrino) tanto mais que toda a gente que acompanhou o tem. Cor. na ida a Castellon de la Plana, foi já com vista à sua integração e concentração de todos os portugueses na Catalunha, como veio a acontecer. E creio bem que se assim não fosse, os teus irmãos Mario e Fernando, não teriam ido para Carabineiros.»

Carta de Mário Fernandes endereçada a Óscar de Morais, datada do Porto de 5 de Janeiro de 1984, Arquivo pessoal de Óscar de Morais.

¹⁰ Garzon Ruiperez, Matilde. «Asociacionismo y Memoria Histórica. La repuesta de la sociedad civil al olvido», in: Celada, A.; Pastor Garcia, Lopez Alonso (eds). *Las Brigadas Internacionales: 70 anos de memoria histórica*. Salamanca, Amaru ediciones, 2007, p. 467.

Retomar o estudo de determinados personagens da história recente é cada vez mais necessário, à medida que cresce o interesse editorial por um género de literatura «histórica» radicada em depoimentos de familiares ou no puro romance. A escrita biográfica feita por não historiadores, ainda que possa resultar em excelentes e relevantes obras de pesquisa corre o risco de cair na total parcialidade e no discurso apologético quando engendrada com este objectivo.

De igual forma, a procura e acesso a um novo universo documental não traduz de imediato uma versão dos factos que possa ser considerada mais real do que as já existentes. O simples facto de existir novos documentos não significa novas versões, ou ainda, o «desvendar» de alguns problemas das relações entre os diversos sectores oposicionistas. Muito pelo contrário, alguns destes textos podem vir a reforçar a ideia de unicidade, remarcando assim o posicionamento dos próprios oposicionistas em torno da questão, como atesta a citação acima.

O recorte e selecção documental, que já contribuiu para forjar a história de regimes ditatoriais, como no caso da Guerra Civil em Espanha, continua contribuindo para a manutenção de mitos e heróis e a justificar posicionamentos políticos e cultos de personalidade¹¹. Diferente do caso espanhol, onde o debate em torno da Guerra Civil ainda suscita a defesa do regime de Franco por «publicistas» como Pio Moa Rodriguez, no caso português, apesar da imensa quantidade de trabalhos em torno da figura de Salazar, a tentativa de «branqueamento» do regime fascista parece ter reunido poucos adeptos. Mas, como acontece em Espanha com a denúncia das valas comuns e das atrocidades do regime franquista, cabe também a Portugal iniciar uma busca dos personagens da sua história recente, igualmente «sepultados» em documentos esquecidos. Cumpre combater as versões mais simplistas da história nas quais, infelizmente, o papel principal não parece caber àqueles que, verdadeiramente, fizeram a história e sim ao historiador, que se assume com a função de «estrela» mediática, muito longe da sua função impar, a de actuar no sentido de dar voz àqueles que a história «oficial ou oficiosa» esqueceu.

¹¹ Ver, entre outros, Moradiellos, Enrique. *1936, los mitos de la Guerra Civil*. Barcelona, Ediciones Peninsula, 2008.

Série
Documentos

•

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press

2010

